

Paisagem e poesia: uma certa maneira de ver e escrever

Profa. Dra. Ida Ferreira Alves¹ (UFF / CNPq)

Resumo:

Trata-se de apresentar alguns tópicos teórico-críticos que fundamentam nossa atual pesquisa sobre configurações / desfigurações da paisagem na poesia portuguesa contemporânea. Discutem-se algumas reflexões sobre a paisagem, como construção cultural, vindas da crítica temática francesa e da geografia cultural para expandi-las na análise de alguma produção poética portuguesa mais recente de caráter acentuadamente urbano. Objetiva-se verificar a produtividade da questão para compreender os impasses atuais da escrita poética e o diálogo, no contexto literário português, com tradições líricas em torno da natureza e da subjetividade, com processos de reavaliação ou ruptura. A experiência do espaço como certa maneira de ver e escrever.

Palavras-chave: paisagem, poesia portuguesa contemporânea, crítica de poesia.

A proposta deste Simpósio – Literatura e Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa - surgiu da convergência de interesses de pesquisa sobre um tema cada vez mais instigante. No âmbito de minha pesquisa para o triênio 2008-2011, com apoio do CNPq, reflito sobre a paisagem na produção poética portuguesa mais recente num recorte preciso que destaca os anos 70, pela discussão intensificada sobre lirismo, subjetividade e experiência, e os anos 90, com produção poética finissecular radicalmente cidadina e atenta à formulação de novos parâmetros para a criação poética num momento de intensa demanda audio-visual. São anos-limite de um período em que se avolumam as contradições sociais, culturais e identitárias e dominam a cultura-espetáculo e a rarefação textual, seja na transmissão das informações, seja na utilização massiva do computador e suas práticas textuais sintéticas e fragmentadas. Frente a esse contexto contemporâneo de multiplicidade de imagens, domínio tecnológico e indiferenciação cultural, por meio de estratégias de massificação de experiências em escala global, acentua-se a necessidade de repensar o lugar da poesia e suas possibilidades de diálogo com este tempo em que, aparentemente, o lirismo não tem mais espaço, como aliás vem sendo acentuadamente problematizado por diversos pensadores em torno da poesia, em diferentes vias de reflexão, seja nas Américas, seja na Europa, nos últimos vinte anos.

Integrando também, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, um grupo de pesquisa que enfatiza o estudo da visualidade na poesia e a discussão das subjetividades e identidades em nossa atualidade, estudo a categoria de espaço, na formulação crítica da *paisagem*, como estrutura importante de sentido a ser investigada na poesia portuguesa contemporânea. Ao pensar a configuração espacial, trato especialmente da idéia de “paisagem” como estrutura de interação cultural, como vem sendo discutida e reavaliada em diferentes áreas de estudos como a geografia cultural, a antropologia, a filosofia, e também na poética, no âmbito da chamada “crítica temática” de base francesa, a partir de uma abordagem atualizada da fenomenologia hermenêutica.

Ao flexionar essa temática sobre poesia portuguesa produzida nos anos 70, 80 e 90, mas não só, intento estudar de forma sistemática de que maneira a configuração e desfiguração de paisagens são, nessa produção de caráter predominantemente urbano, gestos de escrita problematizadores da cultura de língua portuguesa, relação que, até o momento, não tem sido objeto de investigação maior. Esse tratamento crítico da noção de paisagem inscreve-se na vontade de aprofundar a análise do discurso poético como discurso predominantemente imagético, no qual a visualidade mais do que um efeito do enunciado é uma experiência representativa da própria construção da linguagem lírica e um meio de problematização da subjetividade e da identidade que, no poema, também se configuram ou se desfiguram a partir de experiências comuns do cotidiano.

Com a contínua leitura e reflexão sobre diferentes poetas portugueses do século XX, faço atualmente uma demarcação mais precisa em torno das obras de cinco poetas, a saber: dois poetas que começaram a publicar na década de 70 e são hoje, no panorama da poesia portuguesa, vozes das mais reconhecidas pela crítica e leitores, **João Miguel Fernandes Jorge** e **António Franco Alexandre**, e três poetas que constituíram suas obras ao longo dos anos 90, com circulação e representatividade já sedimentadas no cenário diversificado da poesia portuguesa mais recente. São eles: **José Tolentino de Mendonça**, **Manuel Gusmão** e **Manuel de Freitas**. A esse *corpus* básico uno os estudos que já venho desenvolvendo sobre um poeta, **Ruy Belo** (falecido em 1978), que iniciou sua publicação nos anos 60, mas cujo conjunto de obra é altamente representativo das mudanças discursivas que ocorreram nos anos 70 e que, por isso mesmo, ecoa profundamente na poesia dos poetas dessa década em diante. Nesta comunicação, porém, não me prendo a esses poetas e outras vozes surgem num jogo de possibilidades de leituras.

Meu interesse crítico resulta da constatação de ser a visualidade em torno de espaços físicos ou imaginários altamente recorrente nessas poéticas, na medida em que refletem questões culturais determinadas: a relação entre uma cultura particular e um mundo globalizado, a objetualidade do espaço e a subjetividade lírica, o diálogo constante entre poesia e outras artes questionadoras do espaço e da paisagem, como a pintura, o cinema e a fotografia, e o discurso metapoético em torno da visualidade, imaginário e espacialidade poéticas.

Para isso, minha abordagem teórica se vale de estudos de poética que, dialogando com categorias reavaliadas e atualizadas da fenomenologia hermenêutica, compreende o texto literário na sua relação tripartida: o sujeito, as palavras e o mundo. Considerando tempo e espaço categorias de conhecimento indissociáveis, foco minha atenção na leitura da espacialidade, tanto como território próprio a uma cultura (país, cidade, continente), tanto como territórios imaginados e simbólicos (a língua, comunidades culturais, construções estéticas) que podem, na sua estruturação, configurar ou desfingir experiências de subjetividade e identidade.

Numa tradição cultural como a portuguesa em que o mar representou papel fundamental na construção de um imaginário identitário e literário, é interessante, agora, acompanhar criticamente os movimentos em direção à terra (a realidade urbana dominante, a pertença a uma Europa unificada), e a problemática que esses deslocamentos revelam na contemporaneidade. Além disso, o tratamento crítico da paisagem como estrutura significativa de interação cultural permite também uma reflexão de base sociológica em torno da noção de fronteiras, diversidade cultural e entrecruzamento de perspectivas identitárias, questões pertinentes para a análise de uma literatura, oriunda de um país periférico ou semi-periférico, com uma história colonialista ainda em revisão, em confronto permanente com outras literaturas de língua portuguesa: a brasileira e as africanas. Essas questões me parecem particularmente produtivas no panorama da poesia portuguesa a partir dos anos noventa, e a obra poética multicultural de António Franco Alexandre, por exemplo, poderia nos dar aqui alguns caminhos de debate em torno das vivências do espaço urbano a partir de um sujeito em deslocamento:

Já também desta imagem me separo
deste céu amplo onde nem os ossos me cabem
nem a sombra tão maior do que o corpo.
Vou-te deixar como um nome bárbaro
às portas de roma, uma coisa
vagamento antropológica para a
Antologia do Amor no Século XX
capítulo estranhezas & curiosidades.
Já tu, inocente, metes na mala
todo o possível, e algum impossível,
todas as nuvens que prometiam chuva,

todo o rumor por dentro do silêncio,
as colinas, o rio, a paisagem das janelas;
vou ficar triste e só como uma mão que seca.
(ALEXANDRE, 1999, p.44)

Busco compreender a escrita poética como um espaço de troca permanente entre sujeito e mundo e, com esse pressuposto, a investigação sobre paisagem significa uma abordagem de matiz filosófico-cultural que, sem esquecer a realidade textual e a estrutura de composição própria à linguagem poética, abre-se para uma discussão mais ampla a partir das experiências e contradições do sujeito lírico e da constituição do poético como espaço-vivência de mundo, afirmando-se nesse contínuo diálogo entre poesia e filosofia a vontade de compreender o texto poético como interrogação constante sobre o real e a ficção, no jogo permanente de criar versões / visões de mundo.

O interesse agora pela problematização da paisagem, no âmbito dos estudos de poesia, responde ao volume de estudos teórico-críticos recentes, que se debruçam sobre a poesia como experiência de visualidade, estabelecendo também trajetos de questionamento sobre subjetividade, alteridade e conhecimento de mundo. Não simplesmente a paisagem como tema, como enunciado descritivo (*in situ*), mas fundamentalmente como uma *estrutura de sentido* que configura e/ou desfigura a relação entre sujeito, palavra e mundo por meio do olhar (*in visu*). “[...]pode-se dizer, numa primeira aproximação, que a paisagem, segundo a crítica temática, une estreitamente uma imagem de mundo, uma imagem *de moi*, e uma construção de palavras.”¹ Da cena / cenário à paisagem, há uma intervenção fundamental que é exatamente a do sujeito a partir do qual a linha de fuga da paisagem parte. No livro *Duelo*, o poeta Luís Quintais indaga no poema **Cena**:

Três árvores – choupos? – surgem como abstrações
sobre uma torrente de luz.
Cerca-as uma ideia de morte.
O sentido suspende-se
como um horizonte iluminado
que ao inóspito tivesse cedido.

A cena que descrevo é já sem tempo.
Como descrevê-la
se nenhum de nós lhe sobreviverá?

(QUINTAIS, 2004, p.74)

Em nossa contemporaneidade, em que acompanhamos os graves problemas que ameaçam os ambientes, destruindo-os ou desfigurando-os com sérias conseqüências, a questão paisagística tornou-se um núcleo de discussão cada vez mais recorrente sobre a ação do homem no espaço natural, como se vê no brasileiro Milton Santos (1982) e em Berque (1994). A partir de 1970, a noção de paisagem foi retomada em diversas áreas de reflexão como a geografia cultural, história da arte, semiologia, arquitetura, sociologia, psicologia, antropologia, história e filosofia, em diferentes níveis de análise: morfológica, funcional e simbólica. Ainda que sejam diferentes abordagens com diferentes pressupostos, há um ponto comum nessa retomada: a paisagem é compreendida como um *dado* construído, envolvendo percepção, concepção e ação, vindo a constituir uma estrutura de sentidos, uma formulação cultural, como discutem em suas diferentes obras Corbin (1989), Schama

¹ [...] on peut dire, em une première approximation, que le paysage, selon la critique thématique, unit étroitement une image du monde, une image du moi, et une construction de mots. (COLLOT, 1997, p.192)

(1995), Roger (1997) e Berger (2000). No âmbito da literatura, trata-se de discutir a percepção da paisagem como percepção sobre **o estar no mundo e o estar na escrita**, lugares de habitação e reflexão cultural, social e estética, a partir de experiências de sujeitos individuais ou coletivos, retomando-se a discussão sobre a subjetividade lírica e alteridade, referência e metáfora, sobre novas bases conceituais e a partir de diferentes experiências culturais contemporâneas como defendem Richard (1984) e Collot (1989 e 2005).

É certo que a paisagem, como tema, foi fortemente trabalhada no Romantismo, constituindo-se como resultado do encontro entre sujeito e natureza, com implicações identitárias determinadas, hoje desconsideradas. Os estudos que historicizam a temática da paisagem na literatura mostram a sua forte presença ao longo dos séculos XIX e XX, como também indicam a crise que pôs em debate elementos relacionados: a perspectiva, a representação, a figuração e a subjetividade. Após as vanguardas que teriam declarado de forma enfática a recusa da paisagem como figuração de mundo, a paisagem retorna como tema e fundamentalmente como **estrutura significativa**, e os diferentes artistas modernos e contemporâneos dela trataram (e tratam) com diversas estratégias e com a produção de diferentes efeitos os quais, seguindo abordagem teórico-crítica de Michel Collot, um dos mais ativos pesquisadores contemporâneos sobre visualidade e paisagem na poesia, poderiam ser nomeados como transfiguração, desfigurações, abstrações e refigurações.

Ao longo de sua obra ensaística, Collot vai propriamente tratar do horizonte do poema e relacionar a **estrutura do horizonte** à escrita e à leitura, acompanhando principalmente H.R. Jauss e W.Iser, os quais também reaproveitaram o conceito em sua teorização. Consciente da crítica que se pode fazer sobre a aplicação da noção de horizonte à linguagem poética como uma “*poétisation de la poétique*”, defende que o uso de metáforas espaciais vem ao encontro da própria textura verbal do poema que se utiliza delas para organização de seu conteúdo semântico. Além disso, mesmo o estruturalismo, tão rigoroso em suas descrições, também se utilizou de conceitos como isotopia e alotopia. Sua proposta é:

[...] mostrar que a linguagem poética tem sempre por horizonte uma certa experiência de mundo, que, entretanto, não se dá aí senão “no horizonte”, de maneira distanciada, indireta e paradoxal, porque o poema, se ele procura designar as coisas, tende também a se constituir ele próprio como um objeto puramente verbal.²

Mais adiante afirmará que “palavras e coisas são os dois horizontes do poema”³. Na linguagem poética o *eu* que fala é um **outro**, estabelecendo-se um espaço aberto que pode ser ocupado por qualquer um para vivenciar a experiência poética que se define por três momentos essenciais: **o apelo, a espera e a errância**, os quais não se organizam necessariamente de forma linear no poema. O **apelo** é a necessidade que o poema tem de responder ao vazio e ao invisível das coisas. Existe portanto um apelo do horizonte desejando manifestar-se na linguagem poética. A **espera**, “para o poeta, é colocar-se à escuta do silêncio para perceber o eco imperceptível de um apelo ele próprio inapreensível.”⁴ A **errância** é a busca do desconhecido, do intervalo que há entre a palavra e o sujeito. “A experiência poética é assim, como a própria existência, uma totalização

² *Nous nous proposons de montrer que le langage poétique a toujours pour horizon une certaine expérience du monde, que pourtant ne s’y donne précisément, que ‘en horizon’, de manière détournée, indirecte et paradoxale, car le poème, s’il cherche à désigner les choses, tend aussi à se constituer lui-même comme un objet purement verbal.* (COLLOT, 1997, p.153)

³ *Mots et choses sont les deux horizons du poème [...]* (id., p.153)

⁴ “*pour le poète, c’est se mettre à l’écoute du silence pour percevoir l’écho imperceptible d’un appel lui-même insaisissable, tendu vers une réponse encore sans répondant.* (COLLOT, 1989, p.162)

sempre inacabada.”⁵ Escreve o poeta João Miguel Fernandes Jorge: “Os poetas / talvez saibam o local das / suas pedras, porque / é da palavra errante que / devemos falar, da distância / das coisas ou da cor do mar.” (2002, p. 13)

Essa abertura ao mundo revela a distância que há entre o poema e o real, entre as palavras e as coisas, porque a linguagem poética é uma tensão contínua entre o desejo de uma proximidade absoluta e a sua impossibilidade. A ambição ontológica move a poesia e motiva que ela esteja ligada irremediavelmente à melancolia e à decepção, pois a linguagem poética tem consciência de que todo dizer é uma ilusão. O horizonte último do poema será então o silêncio, como lugar de origem onde está o indizível e o invisível. Mas, como num círculo, é também a partir daí, dessa origem, que o poema se lança para inscrever esse silêncio na linguagem. Mais uma vez, lemos Luis Quintais no poema **O mundo como representação**:

“O mundo é a minha representação.”
Que tipo de imagem
eclode na mente
quando, de noite, um cão uiva,
como se a sua carne
não fosse carne da sua carne,
mas um véu espesso
que cobre a dor
e a torna mais intensa?

Uma janela abre-se de par em par,
e eu persigo os sulcos e a ira
desse cão mirífico,
desse cão que existe algures
para lá do ver.

A noite que ignorei torna-se visível,
mas não a ira, a ira absoluta do cão,
ainda que os meus olhos
ceguem numa exasperante vontade
de luz.
(QUINTAIS, 2006, p. 81)

Em síntese, Collot considera que a noção de estrutura de horizonte permite compreender que a escrita poética é constituída pela união de dois movimentos: a constituição de uma estrutura e a abertura de um horizonte, que se reflete nos níveis da referência e organização semântica, e também nos níveis de percepção e interpretação. Assim, o ato de escrita poética se reflete no ato de sua leitura, requisitando também dois movimentos: um ato de imaginação e um ato de estruturação. Com essa perspectiva, está claramente em diálogo com a estética da recepção, que introduziu a noção de horizonte na linguagem da teoria literária.

Não se trata, porém, de mera aplicação aos textos poéticos de esquemas e estruturas explicativas, mas o questionamento da paisagem como um processo cultural, como efeito de um modo de ver, fixar ou deslocar identidades e confrontar subjetividades, na tensão contínua entre dentro e fora, ipseidade e alteridade, visível e invisível. No tecido poético contemporâneo, a visualidade revela leituras críticas do mundo, da linguagem e do sujeito. Num tempo caleidoscópico como o nosso, os estudos de paisagem dão a ver a problematização da relação

⁵ *L'expérience poétique est donc, comme l'existence elle-même, une totalization toujours inachevée.* (COLLOT, 1989, p.169)

sujeito e mundo, revelando experiências de perda, deslocamento ou, por outro, reconhecimento de singularidades culturais num tempo de massificação e indiferenciação identitárias. Disso, por exemplo, fala um livro de uma poeta novíssima portuguesa, Filipa Leal, que no seu *Cidade Líquida* (2006, p. 21) nos desloca por entre os espaços perdidos desse corpo que é a cidade. Desse livro, leio um poema e com ele encerro:

ESTE É O MEU NOME

As cidades têm luzes nas palavras.

Ofuscaram a linguagem dos homens. Dizem-lhes: Este é o meu nome.
E piscam e rebentam o olhar.

E há cidades avariadas, escurecidas. Sem cor: só asfalto na memória.
De lâmpadas caídas sobre as ruas, de ruas caídas sob os passos.
Dizem-nos: Este é o teu nome.
E todos cumprimos o vazio.

Os homens desejam a cidade. Tocam-lhe por dentro, no vermelho,
preparam-na para o abandono. Dizem-lhe: Este é o teu corpo.
E partem.

À noite, as cidades afixam as imagens do que vão – restos de esperma
nas árvores mais altas. Dizem: Este é o meu corpo.

Porque todas as cidades têm o seu letrado. O seu homem.

Referências Bibliográficas

- [1] ALEXANDRE, António Franco. *Quatro caprichos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- [2] BERGER, John. *Modos de ver*. Barcelona: Gili, 2000.
- [3] BERQUE, Augustin. *Cinc propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994.
- [4] COLLOT, Michel et al. (dir.). *Le paysage état des lieux*. Bruxelles: Ousia, coll. Recueil, 2001.
- [5] _____. *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*. Paris: José Corti, 2005.
- [6] _____. *La notion de paysage dans la critique thématique*. In: _____ (dir.). *Les enjeux du paysage*. Bruxelles: Ousia, 1997.
- [7] _____. *La poésie moderne et la structure d'horizon*. Paris: PUF, 1989.
- [8] _____. *L'horizon fabuleux I (XIX siècle) et II (XX siècle)*. Paris: José Corti, 1988.
- [9] CORBIN, Alain. *O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- [10] LEAL, Filipa. *Cidade líquida*. 2ª ed. Porto: Deriva, 2007.
- [11] QUINTAIS, LUIS. *Duelo*. Lisboa: Cotovia, 2004.
- [12] RICHARD, Jean-Pierre. *Microlectures II – Pages paysages*. Paris: Seuil, 1984.
- [13] ROGER, A. *Court traité du paysage*. Paris: Gallimard, 1997.
- [14] SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- [15] SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

Autor(es)

¹ Profa. Dra. Ida Ferreira Alves
Universidade Federal Fluminense
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
E-mail: idafalves@terra.com.br